



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

LETÍCIA THEREZA BRITO LOUREIRO

**ESTILOS PARENTAIS E PERFIL DE FUNCIONAMENTO EXECUTIVO:  
ANÁLISE DE CRIANÇAS ACOMPANHADAS EM AMBULATÓRIO PÚBLICO**

JOÃO PESSOA

JULHO / 2021

LETÍCIA THEREZA BRITO LOUREIRO

**ESTILOS PARENTAIS E PERFIL DE FUNCIONAMENTO EXECUTIVO:  
ANÁLISE DE CRIANÇAS ACOMPANHADAS EM AMBULATÓRIO PÚBLICO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Bacharela em Psicologia.

Orientador(a): Profa. Dra. Carla Alexandra da Silva Moita Minervino

JOÃO PESSOA

JULHO / 2021

Autorizo a reprodução total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

O modelo da monografia seguiu a formatação de artigos. Pretende-se publicar o artigo na revista “Estudos e Pesquisas em Psicologia”, a qual publica artigos sobre Psicologia e áreas afins, quadrimestral, com Qualis A2 da CAPES.

Catálogo na publicação  
Biblioteca Central  
Universidade Federal da Paraíba

**ESTILOS PARENTAIS E PERFIL DE FUNCIONAMENTO EXECUTIVO:  
ANÁLISE DE CRIANÇAS ACOMPANHADAS EM AMBULATÓRIO PÚBLICO**

Letícia Thereza Brito Loureiro

**FOLHA DE APROVAÇÃO DA MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Banca examinadora

---

Profa. Dra. Carla Alexandra da Silva Moita Minervino  
*Orientadora*  
Universidade Federal da Paraíba

---

Prof. Dr. Ismael Ferreira da Costa  
Membro externo

---

Profa. Dra. Shirley de Souza S. Simeão  
Membro interno  
Universidade Federal da Paraíba

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Paraíba como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em:     /     /     .

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer e dedicar este trabalho às seguintes pessoas, as quais não citarem nomes na certeza de que seria injusto:

À Deus, por guiar todos os passos da minha vida; e peço discernimento para utilizar minha profissão a favor dEle.

Aos meus pais e irmã, por sempre me apoiarem e acreditarem em cada passo meu;

Aos demais familiares, por todo apoio direto ou indireto que me permitiram chegar aqui;

Às crianças e adolescentes, tanto os que foram meus pacientes durante o estágio, como os que passaram por mim na vida, por fazerem eu me apaixonar cada vez mais pela área;

Aos professores, a todos eles que tive contato desde a escola, por sempre se mostrarem disponíveis, e com amor e dedicação, e seus métodos individuais passarem o conhecimento, insistirem e acreditarem em cada um de seus alunos;

À minha orientadora, pelos direcionamentos e acolhimento durante todo o processo;

Aos membros do Projeto CUIDAR, por cada ensinamento e troca;

Aos meus amigos “da vida”, por sempre torcerem por mim;

Aos meus amigos da UFPB, através dos nomes de Vitória, Andreza, Nathalia, Vanda e Flávia, por cada surto compartilhado, cada ajuda, cada conhecimento trocado, cada trabalho feito em grupo, cada palavra de apoio, e, o mais importante, por sempre confiarem, torcerem e acreditarem em mim.

Para cada um de vocês, agradeço por cada vez que se mostraram por mim e me motivaram a fazer mais e mais. Conseguimos. Esse trabalho é de vocês.

Loureiro, Letícia Thereza Brito (2021). *Estilos parentais e perfil de funcionamento executivo: análise de crianças acompanhadas em ambulatório público*. (Monografia). Universidade Federal da Paraíba: Paraíba. 27p

## RESUMO

Este estudo analisou a relação entre estilos parentais e funções executivas em crianças, uma vez que pesquisas anteriores apontam as práticas parentais como importantes influências no desenvolvimento dessas funções. **Método.** Participaram 12 crianças, com idades variando entre seis e 11 anos, acompanhadas em um ambulatório da Psiquiatria Infantil do Hospital Universitário Lauro Wanderley, e seus respectivos responsáveis. Foram utilizados como instrumentos os subtestes de memória de trabalho, fluência verbal e controle inibitório do Neupsilin-inf; e o Inventário de Estilos Parentais (IEP), respondido através de videochamada. **Resultados.** Foram verificadas correlações significativas e negativas entre o fator Disciplina relaxada e o índice de Controle Inibitório e correlações significativas e positivas entre o resultado geral do IEP e o índice de Controle Inibitório. Contudo, houveram também alguns resultados surpreendentes teoricamente: correlação negativa entre o fator Monitoria positiva e Fluência Verbal; correlação positiva entre o fator Punição inconsistente e Fluência Verbal; e correlação positiva entre o fator Negligência e Fluência Verbal. **Conclusão.** No geral, concluiu-se que, quanto mais adequado o estilo parental dos pais, melhor a habilidade de inibição das crianças, apesar das limitações impostas pelo momento atual, vivido mundialmente, e pelo uso de apenas um instrumento para avaliar as práticas parentais.

Palavras-chave: relações familiares; estilos parentais; práticas educativas parentais; funções executivas.

## ABSTRACT

This study analyzed the relationship between parenting styles and executive functions in children, as previous research points to parenting practices as important influences on the development of these functions. **Method.** Twelve children, aged between six and 11 years, followed at an outpatient clinic of Child Psychiatry at Lauro Wanderley University Hospital, and their respective guardians participated in this study. The instruments used were the subtests of working memory, verbal fluency and inhibitory control of the Neupsilin-inf; and the Parental Styles Inventory (PSI), answered via video call. **Results.** Significant and negative correlations were verified between the relaxed Discipline factor and the Inhibitory Control index and significant and positive correlations between the general PSI result and the Inhibitory Control index. However, there were also some theoretically surprising results: negative correlation between the positive Monitoring factor and Verbal Fluency; positive correlation between the Inconsistent Punishment factor and Verbal Fluency; and positive correlation between the Negligence factor and Verbal Fluency. **Conclusion.** In general, it was concluded that the more appropriate the parents' parenting style, the better the children's ability to inhibit, despite the limitations imposed by the current situation, experienced worldwide, and by the use of only one instrument to assess parenting practices.

Keywords: family relationships; parenting styles; parental educational practices; executive functions.

## RESUMEN

Este estudio analizó la relación entre los estilos de crianza y las funciones ejecutivas en los niños, ya que investigaciones previas apuntan a las prácticas de crianza como influencias importantes en el desarrollo de estas funciones. **Método.** En este estudio participaron doce niños, de edades comprendidas entre los seis y los 11 años, en una consulta externa de Psiquiatría Infantil del Hospital Universitario Lauro Wanderley, y sus respectivos tutores. Los instrumentos utilizados fueron las subpruebas de memoria de trabajo, fluidez verbal y control inhibitorio del Neupsilin-inf; y el Inventario de estilos parentales (IEP), respondido mediante videollamada. **Resultados.** Se verificaron correlaciones significativas y negativas entre el factor de disciplina relajado y el índice de control inhibitorio y correlaciones significativas y positivas entre el resultado general del IEP y el índice de control inhibitorio. Sin embargo, también hubo algunos resultados teóricamente sorprendentes: correlación negativa entre el factor de Monitoreo positivo y la fluidez verbal; correlación positiva entre el factor de castigo inconsistente y la fluidez verbal; y correlación positiva entre el factor de negligencia y la fluidez verbal. **Conclusión.** En general, se concluyó que cuanto más adecuado sea el estilo parental de los padres, mejor será la capacidad de inhibición de los hijos, a pesar de las limitaciones impuestas por la situación actual, vivida a nivel mundial, y por el uso de un solo instrumento para evaluar las prácticas parentales.

Keywords: relaciones familiares; estilos de crianza; prácticas educativas de los padres; funciones ejecutivas.

## 1. INTRODUÇÃO

Os dados sobre violência na infância e adolescência no Brasil são alarmantes, apesar de já haver, desde 1988, na Constituição Federal, garantias de proteção integral e direito à vida e à saúde para essa parcela da população, através da família, da sociedade e do Estado (Brasil, 1988). Em 2017, 126.230 casos de violência contra crianças e adolescentes de até 19 anos de idade foram notificados no país, segundo o Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS).

Mais recentemente, em 2019, foram registradas 159.063 denúncias de maus-tratos (configurando acréscimo de 15% em relação ao ano anterior), sendo 55% (86.837) de violência contra crianças e adolescentes. Esses registros aconteceram pelo Disque Direitos Humanos (Disque 100), dispositivo telefônico oferecido pelo governo brasileiro para receber, avaliar e encaminhar denúncias de violações de direitos humanos. Entre eles, 11% estavam associados à violência do tipo sexual; 23% à violência psicológica; 21% à violência física; 3% à exploração ou trabalho infantil; 38% à negligência e 3% a outros tipos de violência, sendo o próprio local de moradia da vítima o mais recorrente (Platt et al., 2020).

Considerando a relevância do grupo familiar para qualquer indivíduo, há interesse em pesquisas com o objetivo de entender o papel e a influência dessa unidade social no desenvolvimento da criança, segundo Fiamenghi Jr. e Messa (2007), desde 1999. Tendo em vista que a família é o primeiro grupo com que o infante tem contato, “ela desempenha importante papel na determinação do comportamento humano, na formação da personalidade, no curso da moral, na evolução mental e no estabelecimento da cultura e de suas instituições” (Buscaglia, 1997, p. 77).

A família, independentemente de sua forma ou modelo, é percebida como um sistema ativo formado por pessoas, as quais compartilham regras e valores particulares e interagem com o meio externo, ou seja, com a sociedade (Dias, 2011; Buscaglia, 1997). Esse sistema

está em um lugar de responsabilidade e importância no que diz respeito a questões presentes no âmbito social, como as questões instrutivas, afetivas, de socialização e de procriação (Dias, 2011).

O arranjo familiar pode abranger o subsistema conjugal, que consiste apenas no casal, ou, com a chegada de filhos, abranger também um novo subsistema: o parental (Pedrotti & Frizzo, 2019). O termo 'parentalidade' é utilizado no território brasileiro desde a década de 1980, mas o mesmo surgiu em 1961, na França, através de Paul-Claude Racamier, um psiquiatra e psicanalista, ficando em desuso por aproximadamente 20 anos (Macarini et al., 2016).

A função parental tem como principal fundamento o desenvolvimento global dos filhos, caracterizando-se como um conjunto de relações e correspondências entre os mesmos e suas figuras parentais (pais ou substitutos), dispondo de artifícios encontrados tanto no meio interno como no meio externo à família (Carvalho et al., 2019). Ela extrapola os limites das circunstâncias biológicas de conceber um filho, demonstrando que é escassa apenas a relação de consanguinidade, quando se trata do exercício da parentalidade (Barbosa et al., 2017).

Além disso, tornar-se pai e tornar-se mãe é um processo longo, que passa a existir já quando se tem o desejo de ter um filho, logo, se inicia muito antes do nascimento da criança (Zornig, 2010; Solís-Pontón, 2004). Esse processo abrange aprendizagem, construção, descobertas, instabilidades, adequações, circunstâncias relacionais familiares inéditas, entre outros, incluindo-se até mesmo a participação da criança, seja qual for a faixa etária em que ela se encontre (Cypriano & Pinto, 2011; Barbiero & Baumgarten, 2015).

Levando em consideração esse cenário, a construção da parentalidade envolve múltiplos fatores, sempre levando em consideração as convenções e práticas sociais do período vivido. Sendo assim, as funções parentais, tais como são entendidas atualmente,

foram estruturadas, ao longo do tempo, a partir de influências das mudanças ocorridas no corpo social (Andrade et al., 2006; Gorin et al., 2015).

Uma área relevante envolvendo organização familiar é a de Estilos Parentais. A bibliografia da mesma foi, inicialmente, fomentada pelo estudo de Baumrind (1966), ao considerar tanto o comportamento quanto a afetividade na relação pais-filhos, e é considerada abundante. Nesse cenário, cada estudioso tem um enfoque em aspectos específicos dos Estilos Parentais, e, no presente trabalho, baseando-se em Gomide (2006), decidiu-se focar nas práticas parentais que têm relação com a promoção ou retraimento do comportamento antissocial (Cassoni, 2013; Gomide, 2006).

Os Estilos Parentais, segundo Costa et al. (2000), são caracterizados como “...as formas como os pais lidam com as questões de poder, hierarquia e apoio emocional na relação com os filhos”. Isto é, são o compilado de condutas dos progenitores, dirigidas aos seus descendentes, que vão delinear a essência da ligação entre os mesmos. Essas condutas, também apresentadas na literatura como estratégias que visam ao desenvolvimento da socialização dos filhos, são denominadas de práticas educativas parentais (Reppold et al., 2002).

Tais estratégias são utilizadas conforme o contexto e são divididas em positivas e negativas. As práticas educativas parentais positivas são a monitoria positiva e o comportamento moral. A primeira diz respeito à determinação de normas e regalias; direcionamento apropriado da atenção; monitoramento de questões escolares e de lazer; e oferta constante de afeto. Já o segundo, relaciona-se com o incentivo da aquisição de alguns atributos, como senso de justiça, responsabilidade, trabalho, empatia, generosidade, além da distinção de certo e errado, especialmente em relação a drogas, álcool e sexo seguro. A referência dos pais torna-se primordial nesse processo (Salvo et al., 2005; Gomide, 2006).

As práticas educativas parentais negativas, por sua vez, são cinco: negligência, abuso físico, disciplina relaxada, punição inconsistente e monitoria negativa. A negligência é a escassez de atenção e afeto. Os pais negligentes menosprezam os comportamentos e as tentativas de comunicação dos filhos, além de fugir de situações complicadas e de seus compromissos. O abuso físico caracteriza-se pela disciplina a partir de práticas corporais negativas, como socar, chutar, espancar, morder, queimar, sacudir, ou simplesmente machucar a criança (Gomide, 2006; Gershoff, 2002).

A disciplina relaxada tem relação com a displicência dos pais para colocar em prática as regras estabelecidas. Quando os filhos se comportam de forma opositora e bruta, eles renunciam a sua função educativa. A punição inconsistente remete à forma que os pais punem seus filhos, que, neste caso, está diretamente ligada ao humor daqueles, e não à ação realizada por estes. Dessa forma, o infante aprende a discernir o humor de seus genitores, e não o que é adequado ou inadequado. E, por fim, a monitoria negativa é o exagero, por parte dos pais, de ordens e de supervisão das mesmas para com os filhos, influenciando no processo de independência e autonomia destes, e, conseqüentemente, gerando hostilidade e receios (Gomide, 2003; 2004; 2006).

As práticas educativas parentais, então, vão estimular, a depender da frequência e intensidade da aplicação das mesmas, comportamentos pró-sociais ou antissociais (Gomide, 2003). Sabendo disso, quando as práticas educativas parentais negativas prevalecem, caracteriza-se um Estilo Parental Negativo; e quando a prevalência é das práticas educativas parentais positivas, identifica-se um Estilo Parental Positivo. Ou seja, o Estilo Parental é o produto da convergência das práticas educativas parentais (Gomide, 2006).

Alguns fatores que influenciam na seleção das práticas parentais e, conseqüentemente, na relação pais-filhos, são as crenças e princípios dos pais; conjunturas estressantes nas vidas dos mesmos; suas divergências conjugais; suas referências de cuidado e criação, vindas de

suas famílias de origem; a condição socioeconômica da família; e até as próprias idiossincrasias das crianças e adolescentes (Marin et al., 2011; Marin et al., 2013; Conger et al., 2009).

Vale salientar que, para o presente estudo, ao tratar dos pais, não se limita à consanguinidade, mas há a abrangência de cuidadores/responsáveis também, visto que a composição da família independe dos laços consanguíneos, e se configura como pessoas convivendo no mesmo local e tendo relações de afeto e papéis familiares definidos (Souza et al., 2012).

Ainda, a forma como os pais se comportam e interagem com os filhos influenciam em suas questões emocionais, comportamentais, em como eles vão se organizar, como vai ser sua atenção, sua autorregulação, como vão se ajustar aos seus impulsos, como vão interpretar as vivências e refletir sobre elas. Essas demandas relacionam-se diretamente com o desenvolvimento das funções executivas das crianças e adolescentes (de Souza et al., 2021; Doellinger et al., 2017; Bernier et al., 2010).

Sabendo disso, explanar sobre essas funções torna-se fundamental. Função executiva (FE) é um termo guarda-chuva que envolve uma série de processos cognitivos de alta complexidade, que são relacionados a áreas frontais do cérebro. As mesmas associam-se a comportamentos orientados para uma meta. A partir das funções executivas, podemos nos adaptar rapidamente a modificações no ambiente; manipular informações; trazer novamente o foco após distrações, entre outros. Essas ações podem ocorrer involuntária ou conscientemente, implicando desejo ou necessidade (Doyle et al., 2018; Medina et al., 2018).

Essas habilidades são essenciais para o sucesso em diversas atividades do dia a dia, sejam elas mais simples, sejam mais complexas. Com isso, são fundamentais no desenvolvimento cognitivo, psicológico, social; no sucesso escolar, laboral, na vida; no bem-estar físico e mental (Vasconcelos et al., 2018; Diamond, 2013).

Há diferentes modelos de organização e estruturação das FEs, contudo, há um consenso em relação aos três componentes básicos das funções executivas: o controle inibitório (CI), a memória de trabalho (MT) e a flexibilidade cognitiva (FC). O controle inibitório (CI) abrange a possibilidade de domínio de emoções, pensamentos, atenção e/ou comportamentos por parte do indivíduo, a fim de tolerar tentações e inibir respostas automáticas, agindo de forma adequada ou necessária, e não impulsiva. Com isso, focaliza-se na escolha feita, deixando de dar atenção a outros estímulos (Myiake et. al, 2000; Miyake & Friedman, 2012; Diamond, 2013).

A memória de trabalho (MT) diz respeito à preservação, manipulação e atualização das informações. A MT é essencial a questões como fala, escrita, operações matemáticas, traduções, lembranças, criatividade; a tudo o que se desenvolve ao longo do tempo, visto que se necessita ter em mente os acontecimentos do passado e relacionar com o que vem posteriormente. Por fim, a flexibilidade cognitiva (FC) envolve a alternância entre tarefas, conjuntos mentais ou foco atencional. Alguns aspectos da FC são mudar de perspectiva, tanto em relação ao ambiente físico, quanto a outra pessoa; mudar a forma como compreendemos e pensamos sobre algo; adaptar-se a novos cenários e prioridades (Myiake et. al, 2000; Miyake & Friedman, 2012; Diamond, 2013).

O modelo de Myiake et. al (2000), baseado na investigação da unidade e diversidade das FEs, sustenta que as habilidades básicas das FEs (controle inibitório, memória de trabalho e flexibilidade cognitiva) não são totalmente independentes, mas possuem similitudes, sendo construtos distintos, mas correlacionados. Sendo assim, verifica-se que há tanto unidade como diversidade das habilidades.

Alguns anos depois, Miyake e Friedman (2012) corroboraram essa tese da unidade e diversidade, além de trazerem que existe uma associação entre um fator geral, comum aos componentes básicos “memória de trabalho” e “flexibilidade cognitiva”, e um particular para

cada uma dessas habilidades. Já para o componente “controle inibitório”, não foi verificado um fator específico, sendo, o mesmo, expressado apenas pelo fator geral, que tem como objetivo o prosseguimento na finalidade da tarefa, mantendo disponíveis informações relacionadas a fim de nortear o comportamento.

Posteriormente, Diamond (2013) propôs um modelo, que é, até os dias de hoje, o mais aceito. Segundo esse modelo, a flexibilidade cognitiva (FC) surge com base na memória de trabalho (MT) e no controle inibitório (CI), sendo aperfeiçoada mais tarde no desenvolvimento. Além disso, a autora apresenta três funções de alto nível, provenientes dos três componentes básicos: o raciocínio, a resolução de problemas e o planejamento. As duas primeiras são expressões que compõem a inteligência fluida, vista como a aptidão para raciocinar, resolver problemas e compreender padrões ou relações entre itens. As três habilidades básicas estão presentes, junto à atenção sustentada, na análise da fluência verbal (FV), sendo, esta, um parâmetro das FEs (Medina et al., 2017).

Corroborando o que foi apresentado por Doellinger et al. (2017), acredita-se que as práticas parentais desempenham função essencial na maturação cerebral e cognitiva das crianças, sendo consideradas importantes influências sociais para a evolução de funções executivas. Além disso, elas têm sido relacionadas a um melhor desenvolvimento da autorregulação e do controle inibitório (Britto et al., 2016; Finegood & Blair, 2017).

Logo, fica clara a importância de estudos que abordem essa associação, como o presente trabalho, que tem como objetivo analisar a relação entre os estilos parentais e as funções executivas (controle inibitório, fluência verbal e memória de trabalho) de crianças entre 6 e 11 anos de um ambulatório de Psiquiatria. Vale salientar a importância da faixa etária avaliada, uma vez que os estudos anteriores que envolvem esse tema, geralmente, abrangem crianças de 3 a 6 anos (Martins et al., 2016) ou focam na questão da prematuridade (Doellinger et al., 2017).

## **2. MÉTODO**

### **Participantes**

Participaram deste estudo 12 crianças de seis a 11 anos de idade, de ambos os sexos, que cursavam do Infantil 5 ao 6º Ano em escolas públicas e particulares, e seus respectivos responsáveis, de 29 a 53 anos de idade, de sexo feminino, com escolaridade variando entre Fundamental incompleto, Médio incompleto, Médio completo e Superior Completo.

A amostra foi selecionada por conveniência, uma vez que essas crianças foram acompanhadas no Ambulatório de Atenção e Transtornos de Aprendizagem do Hospital Universitário Lauro Wanderley, localizado no setor de Psiquiatria, onde a pesquisadora possuía acesso e envolvimento.

Os infantes foram assistidos, primeiramente, por uma das médicas das áreas de Neuropediatria ou Psiquiatria Infantil, que os encaminharam para a realização de um processo de Avaliação Neuropsicológica no Ambulatório, a fim de analisar suas funções cognitivas e comportamento. Com isso, a pesquisa delimitou como critérios de inclusão ter passado pelo processo avaliativo e ter respondido, durante o mesmo, os subtestes de fluência verbal, memória de trabalho e controle inibitório do Neupsilin-Inf.

### **Instrumentos**

#### **Inventário de Estilos Parentais**

Avalia os estilos parentais, ou seja, as práticas e estratégias utilizadas pelos pais para educar, socializar e controlar o comportamento dos filhos. É composto por 42 questões, abrangendo as sete práticas educativas, sendo duas positivas e cinco negativas. As positivas

são: (A) monitoria positiva e (B) comportamento moral; já as negativas são: (C) punição inconsistente, (D) negligência, (E) disciplina relaxada, (F) monitoria negativa e (G) abuso físico (Gomide, 2006).

O IEP pode ser respondido pelos pais sobre as suas práticas educativas em relação aos filhos, sendo o inventário denominado “Práticas educativas maternas e paternas”. E pelos próprios filhos, sendo dois inventários: um em relação à mãe (“Práticas parentais maternas”) e um em relação ao pai (“Práticas parentais paternas”). As questões são essencialmente as mesmas, adaptando-se em relação ao respondente (Gomide, 2006). Neste estudo, utilizamos apenas a versão respondida pelos pais.

O cálculo do índice de estilo parental é realizado somando-se as práticas positivas (A+B) e as práticas negativas (C+D+E+F+G) e, em seguida, subtraindo-se a soma das práticas negativas das positivas. Assim, quando esse índice é negativo, indica prevalência de práticas parentais negativas, sobrepondo-se às práticas parentais positivas. Quando o índice de estilo parental é positivo, aponta uma forte presença de práticas parentais positivas que se sobrepõem às práticas negativas (Gomide, 2006). Evidências de validade podem ser verificadas em Gomide (2017).

## NEUPSILIN - INF

Através de 26 subtestes, avalia oito funções neuropsicológicas: orientação; atenção; percepção; memória; linguagem; habilidades visuoespaciais; habilidades aritméticas; e funções executivas. A memória de trabalho envolve três subtestes: duas tarefas de sequência de dígitos na ordem indireta, sendo uma para avaliação dos componentes fonológico e executivo central, quando é pedido para a criança repetir os números falados do último para o primeiro, e outra dos componentes visuoespaciais, quando são apontados números em um livro e a criança deve mostra-los na ordem inversa, com pontuação máxima de 28 pontos

cada; e uma tarefa de span de pseudopalavras, em que é pedido para a criança repetir palavras que não existem na mesma ordem em que foram faladas pelo aplicador, com pontuação máxima de 20 pontos, e também para avaliação dos componentes fonológico e executivo central (Salles et al., 2016).

Já as funções executivas são analisadas pelas atividades de fluência verbal ortográfica, em que é pedido para a criança escrever quantas palavras lembrar que comecem com a letra “M” no intervalo de tempo de um minuto; de fluência verbal semântica, em que é pedido para que, também em um minuto, a criança fale todos os nomes de animais que lembrar, com qualquer letra; e pela tarefa go-no go auditiva, quando é pedido para que a criança, ao ouvir um arquivo de áudio, fale “sim” quando ouvir qualquer número, menos o oito. O instrumento é usado com crianças entre seis e 12 anos de idade (Salles et al., 2016).

### **Procedimentos de coleta e de análise**

Este estudo faz parte de um projeto guarda-chuva, que possui aprovação do Comitê de Ética (Nº do Protocolo: 31299420.9.0000.5188). O contato com as crianças foi realizado durante um processo de avaliação neuropsicológica desenvolvido em um ambulatório da Psiquiatria Infantil. Já o contato com os pais foi feito inicialmente por telefone e/ou redes sociais, com a finalidade de explicá-los sobre a pesquisa e convidá-los a participarem como voluntários. Posteriormente, ao aceitarem participar, a comunicação foi feita a partir de um aplicativo de chamada de vídeo.

Foi solicitado o preenchimento do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), a partir do Google Docs, e, em seguida, do IEP (Inventário de Estilos Parentais), de forma que a pesquisadora lia cada item e a responsável respondia, adaptando as respostas a esse instrumento, que seria de autoaplicação, para a forma síncrona na modalidade online. Cada encontro teve duração de, em média, 20 minutos.

Em relação às análises, foi utilizado o programa IBM SPSS Statistics versão 26 para realizá-las. Foi feita, inicialmente, a análise descritiva de frequências; posteriormente, o teste de normalidade de Shapiro-Wilk; e, por fim, as correlações de Spearman.

### 3. RESULTADOS

#### Descrição da amostra

Conforme a Tabela 1, a amostra total do presente estudo é composta por 24 pessoas, sendo 12 crianças e seus respectivos responsáveis. A faixa de idade das crianças é de seis a 11 anos, com uma média de 8,25 (DP = 1,76). Observa-se que, dos 12 filhos, nove (75%) são do sexo masculino e três (25%) do sexo feminino; sete (58,3%) estudam em escola pública e cinco (41,7%) em escola particular. Além disso, a escolaridade dos mesmos varia desde o Infantil 5 até o 6º Ano do Ensino Fundamental, sendo o 3º Ano do Ensino Fundamental o mais recorrente (n=3, 25%).

Já em relação aos pais, a faixa de idade é de 29 a 53 anos, com uma média de 37,75 (DP=6,55). Observa-se também que 12 (100%) são do sexo feminino, com escolaridade variando entre Fundamental incompleto, Médio incompleto, Médio completo e Superior Completo, sendo o terceiro o mais recorrente (n=7, 58,3%). Sobre as práticas educativas parentais, 4 (33,3%) têm como prática predominante apenas o comportamento moral; 5 (41,7%) apenas a monitoria positiva; e 3 (25%) o comportamento moral e a monitoria positiva combinados.

**Tabela 1.** Dados descritivos da amostra

<b>Pais</b>	
<b>Sexo, n (%)</b>	
Feminino	12 (100,0)
<b>Idade, M(DP)</b>	37,75 (6,55)
<b>Escolaridade, n (%)</b>	

Fundamental incompleto	1 (8,3)
Médio incompleto	1 (8,3)
Médio completo	7 (58,3)
Superior completo	3 (25,0)
<b>Prática parental predominante, n (%)</b>	
Comportamento moral	4 (33,3)
Monitoria positiva	5 (41,7)
Comportamento moral e monitoria positiva	3 (25,0)
<b>Filhos</b>	
<b>Sexo, n (%)</b>	
Feminino	3 (25,0)
Masculino	9 (75,0)
<b>Idade, M (DP)</b>	
8,25 (1,76)	
<b>Escolaridade, n (%)</b>	
Infantil 5	1 (8,3)
1º Ano Fundamental	3 (25,0)
2º Ano Fundamental	2 (16,7)
3º Ano Fundamental	2 (16,7)
4º Ano Fundamental	1 (8,3)
5º Ano Fundamental	2 (16,7)
6º Ano Fundamental	1 (8,3)
<b>Tipo de escola, n (%)</b>	
Particular	5 (41,7)
Pública	7 (58,3)

### Caracterização da amostra

Na tabela 2, é possível verificar a presença dos quatro tipos de estilos parentais caracterizados por Gomide (2006): de risco, regular, bom e ótimo. Das 12 mães participantes, 1 (8,3%) apresentou um estilo parental de risco, 1 (8,3%) um estilo parental regular, 5 (41,7%) um estilo parental bom e 5 (41,7%) um estilo parental ótimo.

**Tabela 2.** Caracterização da amostra em relação aos estilos parentais dos participantes

<b>Estilos parentais, n (%)</b>	
De risco	1 (8,3)
Regular	1 (8,3)
Bom	5 (41,7)
Ótimo	5 (41,7)

A partir da Tabela 3, é possível verificar que há correlação significativa, negativa (os fatores são inversamente proporcionais) e forte entre Monitoria positiva e Fluência Verbal ( $\rho=-0,73$ ;  $p<0,05$ ). Além disso, entre Punição inconsistente e Fluência Verbal há correlação significativa, positiva (os fatores são diretamente proporcionais) e moderada ( $\rho=0,63$ ;  $p<0,05$ ). Outra correlação significativa, positiva e moderada foi entre o fator Negligência e Fluência Verbal ( $\rho=0,69$ ;  $p<0,05$ ).

A correlação mais significativa foi entre o fator Disciplina relaxada e Controle Inibitório, caracterizando-se também como negativa e forte ( $\rho=-0,77$ ;  $p<0,01$ ). Ainda, há correlação significativa entre o resultado geral do IEP e Controle Inibitório. Correlação esta que se descreve como positiva e de moderada intensidade ( $\rho=0,60$ ;  $p<0,05$ ). Já as correlações entre Resultado IEP e Fluência Verbal e Resultado IEP e Memória de Trabalho não se mostraram significativas ( $\rho=-0,38$ ,  $p=0,21$ ;  $\rho=-0,11$ ;  $p=0,71$ ).

**Tabela 3.** Análise de correlação não-paramétrica de Spearman entre o desempenho no IEP e nos subtestes de Controle Inibitório, Fluência Verbal e Memória de Trabalho (N = 24).

	CI	FV	MT
<b>Monitoria positiva</b>	0,05	-0,73*	0,14
<b>Comportamento moral</b>	-0,44	-0,26	0,12
<b>Punição inconsistente</b>	-0,21	0,63*	-0,32
<b>Negligência</b>	0,17	0,69*	0,17
<b>Disciplina relaxada</b>	-0,77**	0,23	-0,26
<b>Monitoria negativa</b>	-0,29	-0,16	0,35
<b>Abuso físico</b>	-0,83	-0,18	0,24
<b>Resultado IEP</b>	0,60*	-0,38	-0,11

*Nota:* IEP: Inventário de Estilos Parentais; CI: Controle inibitório; FV: Fluência verbal; MT: Memória de trabalho; \*:  $p<0,05$ .; \*\*:  $p<0,01$

#### 4. DISCUSSÃO

É possível verificar que a correlação mais significativa e de maior intensidade foi entre a prática educativa parental “Disciplina relaxada” e o índice de Controle Inibitório. Além disso, demonstrou-se uma correlação negativa, isto é, quanto maior o índice no fator “Disciplina relaxada” do Inventário de Estilos Parentais (IEP), menor o desempenho no subteste que avalia o controle inibitório das crianças.

Esse fator do IEP é considerado como uma prática educativa parental negativa, marcada por um descuido dos pais em relação à prática das normas estabelecidas (Gomide, 2006) e exemplificada no inventário através dos fatores 5, 12, 19, 26, 33 e 40, que abrangem situações práticas como “Aviso que não vou dar um presente para meu filho(a) caso não estude, mas, na hora “H”, fico com pena e dou o presente” e “Quando mando meu filho(a) estudar, arrumar o quarto ou voltar para casa, e ele não obedece, eu ‘deixo para lá’”.

Esses resultados estão em sintonia com achados anteriores, como os relatados por Roskam et al. (2014), que encontraram a disciplina relaxada e uma pior performance em controle inibitório correlacionados em um estudo longitudinal com crianças de 2 até 8 anos. Em conformidade, essa correlação também foi verificada por Estefan (2018) ao investigar as relações entre estilo parental e práticas educativas maternas com memória operacional, controle inibitório, fluência verbal e planejamento de crianças entre 8 e 11 anos.

Uma outra correlação significativa encontrada foi entre o resultado geral do IEP, que é realizado subtraindo-se a soma das práticas educativas parentais negativas das positivas, e o índice de Controle Inibitório. Nesse caso, a correlação demonstrou-se positiva, ou seja, quanto maior o índice de estilo parental global, melhor o desempenho no subteste utilizado para analisar o controle inibitório das crianças.

Todos esses dados corroboram o que é afirmado na literatura por Britto et al. (2016) e Finegood & Blair (2017) sobre a relevância das práticas parentais para a maturação cerebral e cognitiva das crianças, além da associação das mesmas com um desenvolvimento mais adequado da autorregulação (característica definidora das funções executivas) e do controle inibitório.

Apesar de tais achados estarem conforme o esperado teoricamente, as correlações significativas envolvendo os índices de Fluência Verbal não seguiram o mesmo padrão. A primeira que se pode citar é a correlação entre o fator Monitoria positiva e Fluência Verbal, que se mostrou forte e negativa, ou seja, quanto maior o índice de Monitoria positiva (que é uma prática parental positiva), menor o de Fluência Verbal.

Um dos índices do IEP que abrange esse fator é o 1: “Quando meu filho(a) sai, ele(a) conta espontaneamente onde vai”, visto que essa prática compreende questões como determinação de normas e regalias; direcionamento apropriado da atenção; monitoramento de questões escolares e de lazer; e oferta constante de afeto (Gomide, 2006).

A segunda seria a correlação entre o fator Punição inconsistente e Fluência Verbal, caracterizada como moderada e positiva. Com isso, infere-se que, quanto maior o índice de Punição inconsistente (que é uma prática parental negativa), maior o de Fluência Verbal. Essa prática remete à mudança na forma de punição a partir do humor dos pais (Gomide, 2006) e é abordada no IEP a partir de 6 itens. Entre eles, está: “Quando estou alegre, não me importo com as coisas erradas que meu filho(a) faça”.

E, nesse mesmo sentido, a terceira e última correlação seria entre o fator Negligência e Fluência Verbal, que é moderada e positiva. Seguindo a mesma lógica da anterior, quanto maior o índice de Negligência (que também é uma prática parental negativa), maior o de Fluência Verbal. Esse fator é compreendido por Gomide (2006) como escassez de atenção e

afeto, e está contido no IEP a partir dos itens 4, 11, 18, 25, 32 e 39, sendo estes últimos “Não sei dizer do que meu filho(a) gosta” e “Ignoro os problemas do meu filho(a)”.

Esses achados, mesmo não seguindo o esperado teoricamente, demonstraram-se em conformidade com os resultados de outras pesquisas, como a revisão sistemática realizada por de Souza et al. (2021) abarcando 37 artigos publicados entre 2008 e 2018, que apresentou o fator de controle inibitório como o fator nuclear das funções executivas mais envolvido em pesquisas e mais ligado às práticas parentais de forma expressiva.

Outra questão que vale a pena ser considerada é o fato da parentalidade ser multifacetada, isto é, ser composta por um agrupamento de técnicas, atividades e condutas dos pais ou responsáveis, com cumprimento, contexto e objetivo distintos. Com isso, há possibilidade de os componentes únicos de parentalidade gerarem inexatidão sobre o protagonismo de cada ação parental no desenvolvimento das funções executivas (Reppold et al., 2002; Hoghughi, 2004).

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo buscou investigar a relação entre estilos parentais e funções executivas (especificamente a memória de trabalho, a fluência verbal e o controle inibitório) em crianças de seis a 11 anos de idade acompanhadas em um ambulatório da Psiquiatria Infantil. No geral, os resultados mostraram que, quanto mais adequado o estilo parental dos pais, melhor a habilidade de inibição das crianças. Contudo, houveram também alguns resultados surpreendentes teoricamente envolvendo o componente de Fluência Verbal.

Uma limitação do trabalho foi o próprio momento vivido mundialmente, que não permitiu o seu desenvolvimento completo de forma presencial, influenciando, assim, no tamanho amostral. Pode-se considerar uma limitação também o fato de que as práticas

educativas parentais foram analisadas através apenas de um instrumento, e sendo esse de autorrelato, o que abarca certos riscos, como, por exemplo, de que os respondentes respondam o que é visto como mais apropriado na sociedade.

Em vista disso e da importância do tema, sugerem-se estudos futuros com amostras maiores e que incluam crianças nessa faixa etária, na medida em que a maioria dos estudos nessa área envolvem pré-escolares, além de utilização de mais de uma ferramenta para a avaliação das práticas educativas parentais, como instrumentos, observações e entrevistas com os próprios filhos e com outras pessoas que convivem com a família.

## REFERÊNCIAS

- Andrade, R. P. de, Costa, N. R. A. do, & Rossetti-Ferreira, M. C. (2006). *Significações de Paternidade Adotiva: um estudo de caso. Paidéia, 16(34)*, 241-252. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2006000200012>.
- Barbiero, E. B., & Baumkanten, S. T. (2015). *Somos pais, e agora?: A história de nós dois depois dos filhos. Pensando famílias, 19(1)*, 32-45. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2015000100004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100004&lng=pt&tlng=pt).
- Barbosa, A. S. dos, Jucá, V. J. S. dos, Torrenté, M. O. N. de, Jesus, C M S de, & Carneiro, U S. S. da (2017). *Loucura e abuso de substâncias psicoativas: Desinstitucionalização e as vicissitudes da parentalidade. Estudos de Psicologia (Natal), 22(2)*, 183-194. <https://doi.org/10.22491/1678-4669.20170019>.
- Baumrind, D. (1966). *Effects of authoritative control on child behavior. Child Development, 37*, 887-907. <https://doi.org/10.2307/1126611>.
- Bernier, A., Carlson, S. M., & Whipple, N. (2010). From external regulation to self-regulation: Early parenting precursors of young children's executive functioning. *Child Development, 81(1)*, 326-339. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2009.01397>.
- Brazil - Ministério da Saúde. DATASUS: Tecnologia da Informação a Serviço do SUS. Indicadores de saúde: causas externas [homepage on the Internet]. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2017.
- Britto, P. R., Lye, S. J., Proulx, K., Yousafzai, A. K., Matthews, S. G., Vaivada, T., ... & Lancet Early Childhood Development Series Steering Committee. (2017). Nurturing care: promoting early childhood development. *The Lancet, 389(10064)*, 91-102. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(16\)31390-3](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(16)31390-3).

- Buscaglia, L. (1997). *Os Deficientes e seus Pais*. Trad. Raquel Mendes. 3ª ed. Record. ISBN 85-01-03799-0.
- Carvalho, O., Lobo, C. C., Menezes, J., & Oliveira, B. (2019) *O valor das práticas de educação parental: visão dos profissionais. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro*, v.27, n.104, p. 654-684. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362019002701653>.
- Cassoni, C. (2013). *Estilos parentais e práticas educativas parentais: revisão sistemática e crítica da literatura* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP].
- Conger, R. D., Belsky, J., & Capaldi, D. M. (2009). *The Intergenerational Transmission of Parenting: Closing Comments for the Special Section. Developmental Psychology*, Vol. 45, No. 5, 1276–1283. <https://doi.org/10.1037/a0016911>.
- Constituição da República Federativa do Brasil (1988). Brasília: Senado.
- Costa, F. T. da, Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2000). *Responsividade e Exigência: Duas Escalas para Avaliar Estilos Parentais. Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(3), pp.465-473. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722000000300014>.
- Cypriano, L. M., & Pinto, E. E. P. (2011). *Chegada inesperada: a construção da parentalidade e os bebês prematuros extremos. Psicologia Hospitalar*, 9(2), 02-25. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-74092011000200002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092011000200002&lng=pt&tlng=pt).
- de Souza, W. M., da Rocha, L. F. D., de Carvalho, R. V. C., & Fioravanti, A. C. M. (2021). *Relações entre Parentalidade e Funções Executivas: Uma Revisão Sistemática. Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 21(1), 277-297. <https://doi.org/10.12957/epp.2021.59386>.
- Diamond, A. (2013). *Executive functions. Annual review of psychology*, 64, 135-168. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-113011-143750>.
- Dias, M. O. (2011). *Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica: o processo de comunicação no sistema familiar. Gestão e Desenvolvimento. Viseu. ISSN 0872-0215. Nº 19*, p. 139-156. <https://doi.org/10.7559/gestaoedesenvolvimento.2011.140>.
- Doellinger, P. V., Soares, I., Sampaio, A., Mesquita, A. R., & Baptista, J. (2017). *Prematuridade, funções executivas e qualidade dos cuidados parentais: revisão sistemática de literatura. Psicologia: teoria e pesquisa*, 33. <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3321>.
- Doyle, C., Smeaton, A. F., Roche, R. A., & Boran, L. (2018). *Inhibition and updating, but not switching, predict Developmental Dyslexia and individual variation in reading ability. Frontiers in psychology*, 9, 795. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00795>.
- Estefan, A. C. T. A. (2018). *Relações entre Parentalidade e Funções Executivas de crianças em idade escolar* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro].

- Finegood, E. D., & Blair, C. (2017). *Poverty, parent stress, and emerging executive functions in young children*. In *Parental stress and early child development* (pp. 181-207). Springer, Cham. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-55376-4\\_8](https://doi.org/10.1007/978-3-319-55376-4_8).
- Gershoff, E.T. (2002). *Corporal Punishment by parentes and associated child behaviors and experiences: a meta-analytic and theoretical review*. *Psychological Bulletin*, 128 (4), 539-579. <https://doi.org/10.1037//0033-2909.128.4.539>.
- Gomide, P.I.C. (2003). Estilos Parentais e comportamento anti-social. In A. Del Prette & Z. Del Prette (Orgs.). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção* (21-60). Alínea.
- Gomide, P.I.C. (2004). *Pais presentes, pais ausentes*. Vozes.
- Gomide, P. I. C. (2006). *Inventário de Estilos Parentais (IEP): Modelo teórico – Manual de aplicação, apuração e interpretação*. Editora Vozes Ltda.
- Gorin, M. C., Mello, R., Machado, R. N., & Féres-Carneiro, T. (2015). *O estatuto contemporâneo da parentalidade*. *Revista da SPAGESP*, 16(2), 3-15. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702015000200002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000200002&lng=pt&tlng=pt).
- Hoghugh, M. S. (2004). *Parenting: an introduction*. In M. S. Hoghugh & N. Long (Eds.), *Handbook of Parenting Theory and Research for Practice* (pp. 1-18). Sage.
- Jr, G. A. F., & Messa, A. A. (2007). *Pais, Filhos e Deficiência: Estudos Sobre as Relações Familiares*. *Psicologia Ciência e Profissão*, 27 (2), 236-245. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932007000200006>.
- Macarini, S. M., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2016). *A questão da parentalidade: contribuições para o trabalho do psicólogo na terapia de famílias com filhos pequenos*. *Pensando famílias*, 20(2), 27-42. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2016000200003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2016000200003&lng=pt&tlng=pt).
- Marin, A. H., Piccini, C. A., & Tudge, J. R. H. (2011). *Práticas Educativas Maternas e Paternas aos 24 e aos 72 Meses de Vida da Criança*. *Psic.: Teor. e Pesq.* 27 (4). <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000400005>.
- Marin, A. H., Martins, G. D. F., Freitas, A. P. C. de O., Silva, I. M., Lopes, R. de C. S., Piccinini, C. A. (2013). *Transmissão Intergeracional de Práticas Educativas Parentais: Evidências Empíricas*. *Psic.: Teor. e Pesq.* 29 (2). <https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000200001>.
- Martins, G. L. L., León, C. B. R., & Seabra, A. G. (2016). *Estilos parentais e desenvolvimento das funções executivas: estudo com crianças de 3 a 6 anos*. *Psico*, 47(3), 216-227. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2016.3.22480>.

- Medina, G. B. K., Minetto, M. D. F. J., & Guimarães, S. R. K. (2017). *Funções executivas na dislexia do desenvolvimento: revendo evidências de pesquisas*. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 23, 439-454. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382317000300009>.
- Medina, G. B. K., Souza, F. F. D., & Guimarães, S. R. K. (2018). *Funções executivas e leitura em crianças brasileiras com dislexia do desenvolvimento*. *Revista Psicopedagogia*, 35(107), 168-179. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862018000200005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862018000200005&lng=pt&tlng=pt).
- Miyake, A., Friedman, N. P., Emerson, M. J., Witzki, A. H., Howerter, A., & Wager, T. D. (2000). *The unity and diversity of executive functions and their contributions to complex “frontal lobe” tasks: A latent variable analysis*. *Cognitive psychology*, 41(1), 49-100. <https://doi.org/10.1006/cogp.1999.0734>.
- Miyake, A., & Friedman, N. P. (2012). *The nature and organization of individual differences in executive functions: Four general conclusions*. *Current directions in psychological science*, 21(1), 8-14. <https://doi.org/10.1177/0963721411429458>.
- Pedrotti, B. G., & Frizzo, G. B. (2019). *Influência da chegada do bebê na relação conjugal no contexto de depressão pós-parto: perspectiva materna*. *Pensando famílias*, 23(1), 73-88. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2019000100007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000100007&lng=pt&tlng=pt).
- Platt, V. B., Guedert, J. M., & Coelho, E. B. S. (2020). *Violência contra crianças e adolescentes: notificações e alerta em tempos de pandemia*. *Revista Paulista de Pediatria*, 39. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2021/39/2020267>.
- Reppold, C. T., Pacheco, J., Bardagi, M., & Hutz, C. (2002). *Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: uma análise das práticas educativas e dos Estilos Parentais*. In Hutz, C. (Org.), *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção* (pp. 7-51). Casa do Psicólogo.
- Roskam, I., Stievenart, M., Meunier, J. C., & Noël, M. P. (2014). *The development of children's inhibition: Does parenting matter?*. *Journal of experimental child psychology*, 122, 166-182. <https://doi.org/10.1016/j.jecp.2014.01.003>.
- Salles, J. F., Fonseca, R. P., Parente, M. A. M. P., Miranda, M. C., Rodrigues, C. C., Mello, C. B., & Barbosa, T. (Orgs.). (2016). *Instrumento de Avaliação Neuropsicológica Breve Infantil NEUPSILIN-INF*. Vetor.
- Salvo, C. G. de, Silveiras, E. E. de M., Toni, P. M. de (2005). *Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social*. *Estud. psicol.* 22 (2). <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2005000200008>.
- Sampaio, I. T. A., & Gomide, P. I. C. (2017). *Inventário de estilos parentais (IEP)–Gomide (2006) percurso de padronização e normatização*. *Psicologia Argumento*, 25(48), 15-

26. Recuperado de  
<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/viewFile/19675/19007>.

Solís-Pontón, L. (2004). *Ser pai, ser mãe – Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. Casa do Psicólogo.

Souza, A. B. L., Belez, M. C. M., & de Andrade, R. F. C. (2013). *Novos arranjos familiares e os desafios ao direito de família: uma leitura a partir do Tribunal de Justiça do Amazonas*. *PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, 5(5), 105-119. Recuperado de  
<https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/577/n5Souza.pdf>.

Vasconcelos, D. R., de Oliveira, L., & da Costa, L. J. D. (2018). *Violência e Funções Executivas em crianças adolescentes e adultos jovens vítimas de violência*. *Anais da Jornada de Educação Física do Estado de Goiás (ISSN 2675-2050)*, 1(1), 433-438.  
<https://www.anais.ueg.br/index.php/jefco/index>.

Zornig, S. M. A. (2010). *Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade*. *Tempo psicanalítico*, 42(2), 453-470. Recuperado de  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&tlng=pt).